

## *De círculos e quadrados: triangulando Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira*

**Osmar Soares da Silva Filho<sup>1</sup>**

**Resumo:** Pretendemos neste ensaio refletir como de diferentes formas aparece a chamada questão da Quadratura do Círculo em peças literárias de três de nossos maiores poetas: Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Nossa intenção é mostrar como a obra literária é capaz de incitar o pensamento filosófico e, para tanto, vamos recorrer às reflexões de Martin Heidegger e Hannah Arendt. Este ensaio procurará refletir sobre o embate entre Círculo e o Quadrado como emblema das problemáticas relações entre homem e Natureza.

**Palavras-chave:** poética; filosofia da natureza; poesia brasileira

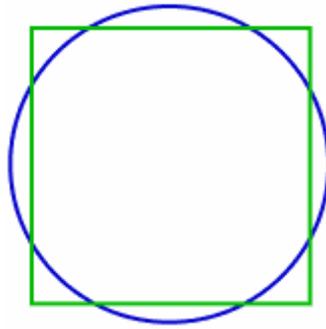
### **I. A Quadratura do Círculo**

Um dos problemas clássicos da geometria grega – a quadratura do círculo, proposto por Anaxágoras de Clazomenes (499-428 a.C.), condenado à prisão por dizer que o Sol não era uma divindade – consiste na dita insolúvel questão de, a partir de um dado círculo, não ser possível, por meio de instrumentos euclidianos, régua sem escalas e compasso, construir um Quadrado de mesma área.

A não contigüidade entre a área de um círculo, uma figura que em qualquer posição é a mesma, constante, absolutamente simétrica, e o Quadrado, desenho que visa à igualdade entre os seus lados, entre suas pontas/pontos e arestas, entre as suas medidas, *mas não a infinitude*, é, têm provado os matemáticos, irreconciliável. Nesse sentido, se quisermos pensar o círculo, diríamos que ele requer a perfeição, no âmbito do infinito, ao passo que o Quadrado, pela sua forma, se dá na construção do efêmero: cada lado um valor finito e previsível pela medida, lados que não dão as voltas intermináveis do círculo, pois lados de um Quadrado sempre terminam...

---

<sup>1</sup> Doutorando em Poética – UFRJ. Bolsista do Programa Internacional de Pós-graduação FORD.



Hipócrates de Quios (século V a. C.) tentava quadrar linhas curvas, mas não teria alcançado a tão requerida composição da quadratura do círculo. Sua tentativa se configurou somente como uma aproximação entre Círculo e Quadrado, mas não como uma equivalência, e, assim, no decorrer da história da matemática, tentou-se várias vezes a façanha que acabou provando-se impossível.

Pretendemos neste ensaio refletir como de diferentes formas essa questão aparece em peças literárias de três de nossos maiores poetas: Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Nossa intenção é mostrar como a obra literária é capaz de incitar o pensamento filosófico e, para tanto, vamos recorrer às reflexões de Martin Heidegger e Hannah Arendt. Este ensaio procurará refletir sobre o embate entre Círculo e o Quadrado.

Começemos então por Cecília Meireles (1901-1964) com o poema “**Amém**”:

Hoje acabou-se-me a palavra

e nenhuma lágrima vem.

Ai, se a vida se me acabara

também!

A profusão do mundo, imensa,

tem tudo, tudo – e nada tem.

Onde repousar a cabeça?

No além?

Fala-se com os homens, com os santos,  
consigo e com Deus... E ninguém  
entende o que se está contando  
e a quem...

Mas terra e sol, lua e estrelas  
giram de tal maneira bem  
que a alma desanima de queixas.  
Amém.

(MEIRELES, C. 2001: 432)

Dentre algumas questões colocadas pela poeta poderíamos elencar temas como: o problema da *linguagem*, que aparece na 1ª estrofe; o problema ambiental da “*profusão do mundo imensa*”, mostrado na 2ª estrofe; o problema *metafísico* dado pelo desentendimento entre os seres humanos e os deuses, na 3ª estrofe; o giro dos planetas como representantes de uma natureza harmônica, apresentado na 4ª estrofe. ]

A distância é um espaçamento, a criação de um lugar, a distância é uma alteração nas relações entre os seres, que, à variação posicional e no des-locar-se no espaço, vão-se modulando; à distância, vão se transformando; vão sendo, à distância. À distância calculada, os entes vão sendo encontrados e desencontrados, somem-se na infinitude de possibilidades posicionais, esvaem-se no desperdício dos eixos, na paridade, na disparidade, na curvatura côncava, na entrega do convexo, nos meridianos e paralelos... A distância de um ser para o outro é a medida da sua existência no desenho da “profusão do mundo”. O poema nos aponta a dinâmica da distância, nos mostra as variações imprecisas que se dão sempre entre nós e os outros, na verdade “nós mesmos”, como convenho expor. Esclareçamos essa relação.

Em primeira instância, nós nos constituímos por uma queixa, representada pela voz lírica no primeiro verso: “**Hoje acabou-se-me a palavra**”, isto é, no “hoje”, num tempo determinado pela repetição dos dias – é sempre hoje – se dá o esgotamento do discurso; hoje se está dando o esgotamento do ser e de seu vigor no desperdício da



linguagem. Martin Heidegger mostra que é no esgotamento do discurso, isto é, na dissolução da linguagem, que de modo incólume o ser se esgota, esvai-se:

“O acesso à essência de uma coisa se dá pela linguagem (...) e isso só acontece quando prestamos atenção ao vigor próprio da linguagem. Enquanto essa atenção não se dá, desenfreiam-se as palavras, escritos, programas, numa avalanche sem fim. O homem se comporta como se *ele fosse* criador e senhor da linguagem, ao passo que *ela* permanece sendo a senhora do homem”.  
(HEIDEGGER, M. 2002: 126).

Ora, se pelo esgotamento da palavra esgota-se também o vigor do ser, entendemos que o problema apontado pela voz poética em “Amém” é tão instigante quanto o da tentativa de conciliação entre o Círculo e o Quadrado.

Na impossibilidade de o Quadrado *ser* – em seus termos e forma e em amíga equivalência – um círculo, encontra-se um problema, por assim dizer, de *essência*. Há um incômodo apresentado, uma equação complicada, como o da angústia do assenhoreamento da palavra. Aquilo que Cecília nos aponta em “Amém” fora também pensado por Heidegger como sendo o perigo em que nos metemos: a malograda relação com o que somos – seres de linguagem – nos leva à via do estranhamento, isto é, da incongruência. Ambos, poeta e filósofo foram contemporâneos e cada um à sua maneira própria de dizer, refletiu sobre essas questões da linguagem. Por isso, diz o autor de “A caminho da linguagem”: “É salutar o cuidado com o dizer. Mas esse cuidado é em vão se a linguagem continuar apenas a nos servir como um meio de expressão” (HEIDEGGER, M. 2002: 126). Neste sentido, nossa tentativa como seres de linguagem, na trajetória do pensamento ocidental, é equivaler círculos a quadrados, pares a ímpares, expressões positivas a negativas, sem deixar que os seres se digam, se mostrem, vigorosamente.

Tal trabalho de não se deixar as coisas serem, fomentado pela História da humanidade, dá-se emblematicamente no desenfreado consumo e desperdício dos bens naturais, nas relações desumanas traduzidas em fome, em desigualdades e guerras, problematizadas na terceira estrofe do poema como o desentendimento entre todos os entes:

*Fala-se com os homens, com os santos,  
consigo e com Deus... E ninguém  
entende o que se está contando  
e a quem...*

Este desentendimento é também expresso como sendo uma “profusão imensa”, mencionada na segunda estrofe do, mostrando que a vida estaria fadada a um acabamento que se daria “também”, isto é, “da mesma forma”, “em igualdade” ao acabamento de tudo que há na natureza. A vida, então, segundo a reflexão que nos traz o poema, se acaba na medida que o homem acaba com o espaço/ambiente em que está inscrito. Neste sentido, o desentendimento do homem para “consigo”, “com os santos”, “com Deus” se dá, a priori, para com os lugares em que *habita*.

Em “*Construir, habitar, pensar*”, Heidegger estende as noções de habitação para além do registro locativo e espacial, colocando em discussão o que seja propriamente o “habitar” e, no caminho desse questionamento, chega às noções de “construção” e de “pensamento”. O que se dá por construção? E quando se constrói o que se constrói, a construção pressupõe de antemão um habitar? O que nós homens fizemos, fazemos e faremos é, desde já, o prólogo da nossa existência como habitantes do planeta?

### **Nós, a quadratura; o círculo, a terra**

Hannah Arendt, no prólogo de seu livro *A condição humana*, reflete sobre a curiosa declaração de um repórter que cobria o lançamento do satélite *Sputnik*. Ele dizia que finalmente estaríamos livres, com aquele avanço tecnológico, para sempre de nossa prisão na terra.

Assim, “tirado da Terra” em 1957, o objeto marcou o primeiro episódio da corrida espacial que culminaria na ida do homem à lua em 1969. O satélite, feito de ferros e certos materiais fundidos pela fabricação, imitava agora o movimento de outros corpos celestes, como a Lua, o Sol e as estrelas. Arendt diz que esse feito pode ser considerado uma das maiores descobertas humanas, que ultrapassaria inclusive a

desintegração do átomo, uma vez que a angustiada alegria do lançamento sinalizava que finalmente tínhamos logrado imitar a natureza e os movimentos circulares dos planetas que se interpõem a nós já há bilhões de anos. Com isso, concretizávamos o desejo de não mais permanecer “presos” pra sempre aqui

No fim de 2009, todos vimos a conclusão a que chegou a Nasa ao dizer que há muita água na lua, além disso, todos sabemos sobre intenções mais avançadas do homem de enviar tripulações ao satélite e quem sabe futuras populações. A lua, por essas pretensões, nos daria, além de poesia para namorados e marés para os mares, uma “quantidade de produtos que podem ser desenvolvidos na Terra a partir da tecnologia espacial: o teflon, o velcro, os aparelhos de ginástica das academias, entre outras centenas de *mercadorias* vendidas em lojas e supermercados” (ISTOÉ, 2007:82) Além disso, China e Rússia, dos maiores responsáveis pelo fenômeno alarmante do “aquecimento global” dado pelo consumo excessivo de combustíveis fósseis e emissões de gases tóxicos na atmosfera, estariam dispostos a explorar o solo lunar para dele extrair o hélio-3, elemento químico que poderia produzir energia limpa e livre de lixo radioativo.

Há muito tempo estamos angustiados em sair da Terra. Vênus então considerado nosso planeta-gêmeo, já foi cogitado como um lugar habitável, por exemplo.

Diante de tanta aventura humana, para além da curvatura da Terra, Hannah Arendt pergunta-se:

Será que a tão “famosa” emancipação e a secularização da era moderna, que tiveram início com um afastamento, não necessariamente de Deus, mas de um deus que era o pai dos homens no céu, termina com um repúdio ainda mais funesto de uma terra que era a mãe de todos os seres vivos sob o firmamento?  
(ARENDR, H: 1993: 10)

As conseqüências do desejo do homem de fugir da “prisão terrena” são fruto de nossa fuga à condição humana, diz Arendt. Segundo a Autora, isso leva a ciência a se esforçar em tornar “artificial” a vida, cortando, se possível, o último laço que faz do homem um filho da natureza. Tal desejo se manifesta pelos experimentos como a

manipulação da vida numa proveta ou a construção de corpos capazes e superinteligências pelo mapeamento do código genético, alterando nos seres humanos o tamanho, a forma e a função. Caídos na empáfia de fugir à condição humana, violentos e sedentos por mais presença, por corpos maiores e mais capazes, alimentamos a esperança fúnebre de estender a vida para além do limite dos cem anos. Nisso temos pensado como se viver já não pudesse ser um fardo extremamente pesado e doloroso num mundo que, por nossa escolha, requer demais de nós.

A vivência do homem consigo e com os outros parece, neste sentido, motivada por uma rebelião contra a existência humana tal como nos foi dada e que desejamos trocar, por algo que possamos manipular. Entregues aos deuses, ou ameaçados por um meteorito distante, os homens não se conformariam em manter suas vidas dispostas ao acaso. É preciso o controle, esta é a nova tecnologia direcionada à chamada *condição humana*. Em que direção os homens desejam usar seu conhecimento técnico e científico? Para Arendt, essa questão não se resolve pela ciência, pois é um dado político de primeira grandeza. O problema tem a ver com o fato de que as “verdades” da moderna visão científica do mundo – mesmo que demonstradas em fórmulas matemáticas e comprovadas pela tecnologia – já não se prestam à expressão normal da fala e do raciocínio: “*seria como se o nosso cérebro, condição material e física do pensamento, não pudesse acompanhar o que fazemos, de modo que, de agora em diante, necessitaríamos realmente de máquinas que pensassem e falassem por nós*” (ARENDDT, H. 1993: 11).

Ainda embuído do clima de espanto que viviam as testemunhas da corrida espacial dos anos 70, Carlos Drummond de Andrade, no conhecido poema “O homem, as viagens” coloca em questão o afã humano de transformar todo o espaço em lugar humanizado, manipulado, controlado, alargando o seu domínio e limites, para além do círculo da terra:

“O homem, bicho da Terra tão pequeno  
chateia-se na Terra  
lugar de muita miséria e pouca diversão,  
faz um foguete, uma cápsula, um módulo  
toca para a Lua  
desce cauteloso na Lua

pisa na Lua  
planta bandeira na Lua  
experimenta a Lua  
coloniza a Lua  
civiliza a Lua  
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.  
O homem chateia-se na Lua.  
Vamos para Marte — ordena a suas máquinas.  
Elas obedecem, o homem desce em Marte  
pisa em Marte  
experimenta  
coloniza  
civiliza  
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.  
Vamos a outra parte?  
Claro — diz o engenho  
sofisticado e dócil.  
Vamos a Vênus.  
O homem põe o pé em Vênus,  
vê o visto — é isto?  
idem  
idem  
idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter  
proclamar justiça junto com injustiça  
repetir a fossa  
repetir o inquieto  
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.  
O espaço todo vira Terra-a-terra.  
O homem chega ao Sol ou dá uma volta  
só para tever?  
Não-vê que ele inventa  
roupa insidervel de viver no Sol.



Põe o pé e:  
mas que chato é o Sol, falso touro  
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora  
do solar a col-  
onizar.  
Ao acabarem todos  
só resta ao homem  
(estará equipado?)  
a difícilíssima e perigosíssima viagem  
de si a si mesmo:  
pôr o pé no chão  
do seu coração  
experimentar  
colonizar  
civilizar  
humanizar  
o homem  
descobrir em suas próprias inexploradas entranhas  
a perene, insuspeitada alegria  
de con-viver.”

(DRUMMOND,

O grande poema de Drummond nos coloca novamente diante desta questão: *a condição humana* – atrelada à nossa relação com os espaços de “*con-vivência*” e habitação. Ele em si, em cada estrofe, relata, através da disposição das palavras nos versos, a angustiada incongruência entre o homem e os seus locais de habitação, todos, aliás, circulares (são planetas). Carlos Drummond de Andrade denuncia o afã humano de novidade, de busca pelo conhecimento. Poderíamos dizer conhecimento descompromissado com o “pensamento” tal como na perspectiva heideggeriana.

Os diferentes modos de “habitar” aliados ao “pensamento” e à “construção”, tão caros às antigas sociedades ditas “sustentáveis”, para quem a natureza era somente um mistério, as estrelas furos no firmamento, o Sol e a Lua, deuses, encontram-se

perdidos na descrição feita pelo poeta. A dita “evolução” do homem ter-lhe-ia furtado o respeito por esses entes naturais? O que podemos ver claramente é o divórcio entre o pensamento e o conhecimento, já que “as viagens” são como que condicionantes da existência humana, como um empreendimento não só datado das descobertas espaciais, mas extenso a todo o período de permanência do homem na terra .

. Já que estamos falando, neste ensaio, sobre quadrados e círculos, percebemos em muitas metáforas do poema a presença das duas figuras geométricas tão incongruentes. Para Drummond, o homem, assinalado como um ser natural, “bicho da terra tão pequeno”, evade-se de sua humanidade<sup>2</sup>, pois “chateia-se na Terra”.

Parece extremamente ponderável voltar os olhos para o sentido de “chatear-se”, que não só se prende às noções de enfado a que a palavra faz alusão, como a um sentido locativo, espacial, pois “chatear” é também “tornar chato, plano, reto, sem contornos e relevos”.

Assim, o homem encontra-se chateado na Terra, lugar que, na visão de Drummond, se tornou extremamente plano, pois é “de muita miséria e pouca diversão”. Aqui, poderíamos entender “diversão” como a dinâmica da criatividade, da força de criação que há na natureza, a qual “diverte”, “diversifica” os seres vivos, tornando-os múltiplos, coloridos, complementares, díspares. Drummond une, através da antítese, a “muita miséria” da terra à “pouca diversão”, contrapondo “muito” a “pouco”, como podemos ver no poema de Cecília:

A profusão do mundo, imensa,  
tem tudo, tudo – e nada tem.

Assim, o homem na “terra” ou no “mundo” logra transformar a diversidade natural em “muita miséria” e “tudo, tudo” em “nada”, como aponta Cecília.

É para nós claro que o homem, nas estrofes do poema de Drummond, trabalha em regime de troca, automatizada e pouco pensada. Assim, temos que, a “diversão” sucumbe à “miséria”,/ e a própria “Terra” sucumbe ao abandono do homem, que “faz um foguete, uma cápsula, um módulo”.

---

<sup>2</sup> Esclareçamos que humanidade é tomada aqui no sentido de plenitude da natureza humana, que seja, ao nosso ver, uma *condição*, como aponta Arendt, de que não se pode furtar. Qualquer movimento egresso dessa posição, isto é, egresso da manutenção dos pés firmes na Terra, parece, tanto ao poema quanto ao entendimento arendtiano, desumano.



Crescendo em estágios de descobertas e chatas descobertas, o homem chega à “Lua”, onde os verbos repetidos pelo poeta revelam atividades já antes feitas aqui na Terra: o homem “experimenta”, “coloniza”, “civiliza”, “humaniza” tanto a Lua, quanto Marte, que, à moda da Terra e da Lua, é experimentado, colonizado, civilizado, humanizado, mas com “engenho e arte”.

O homem denunciado por Drummond age de tal maneira no planeta, chateando-se e chateando-o – não esqueçamos que um dos sentidos da palavra chatear é “humilhar(-se), rebaixar(-se), tornar(-se) submisso” – que este, de um mundo redondo e circular que era, torna-se um “lugar quadrado”. E o poeta segue a viagem, acompanhando a humanidade pela cosmologia que ela mesma inventou, de que ela mesma creu ser o centro. É uma reunião de empáfias que se repetem; o que o poeta sabiamente aponta pelos termos “idem”, “idem”, “idem”.

O divórcio entre pensamento, linguagem e conhecimento científico nos transforma, no quadro pintado por Carlos Drummond de Andrade, em seres que dialogam com máquinas que “fundem a cuca”. Visando, assim, a dominar todo o espaço conhecido e o não conhecido também. Servindo-se de uma onipotência que era de Deus e da Natureza, o homem num arroubo de loucura elege a Ciência sua verdade final, dando as costas a todos os mistérios, todos os mitos fazendo-se chegar até mesmo ao “Sol”, o “falso touro espanhol domado”, que se subjuga facilmente ao engenho humano. Dali, Drummond aponta a ida do homem a outros sistemas, esquecido da Terra que era sua Mãe e de seu Pai, que eram os Céus.

Órfão, parricida, fratricida e matricida, o homem, que, ao cabo do poema, queda só, tende a viajar para dentro de si, em busca de sua condição humana. Tal viagem, segundo o poeta, é a mais difícil e já teria sido recomendada há séculos. Lembremos o “Conhece-te a ti mesmo” do portal de Delfos. Mas, para uma viagem assim, o poeta se pergunta se haverá de fato um dia um equipamento capaz de resolver o homem consigo mesmo – coisa que Cecília Meireles já havia reclamado no poema “Amém”: “Fala-se com os homens, com os santos/ consigo e com Deus e ninguém entende/ o que se está contando / e a quem”. Esse equipamento deverá ser capaz de permitir ao homem pisar o próprio coração, já que, diz a sabedoria popular, coração é terra em que ninguém pisa.

Para tanto, Drummond recomenda que o homem colonize, experimente,



humanize o próprio homem “descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas / a perene, insuspeitada alegria/ de con-viver”. Que ecológica seria essa “alegria de con-viver”, pois “conviver” é o conluio íntimo com o outro, dado pela responsabilidade de os diferentes, os diversos compartilharem os mesmos espaços, as mesmas distâncias. E é nessas distâncias que se dá a dinâmica do ser.

Continuemos pensando agora alguns versos do poema “Amém” nesta questão da relação do homem consigo e com o outro, com a terra em que pisa, e com o céu sob o qual anda. Que relação se paramenta quando, de fato, fugindo à sua condição humana, à sua forma de aparecer no conjunto de tudo, o homem se esquece de que é homem e cala o sentido das palavras? Ora, não sabe expressar-se o homem, por isso, vai-se-lhe a vida, e indo-se a vida, leva consigo a vida de tudo que está em função dele mesmo.

A noção dualista do real, enganada pela aparência, paramenta uma relação em que fica de um lado o homem e do outro a Natureza, separados. Como entender essa separação? É o melhor caminho pensar o homem sem pensar sua referência a tudo que o rodeia? Sendo o homem um ser relacional, não se pode separar homem e natureza, bem como céu e terra, linguagem e vigor da linguagem. Assim, depreendemos que o esgotamento do deixar-ser – isto é da linguagem – é o esgotamento primeiro do ser. Daí advém este problema insolúvel – a Quadratura do Círculo – emblema, aqui, de nosso estranhamento no mundo. Retornando ao poema de Cecília Meireles, lemos

A profusão do mundo, imensa,  
tem tudo, tudo – e nada tem.  
Onde repousar a cabeça?  
No além?

Fala-se com os homens, com os santos,  
consigo e com Deus... E ninguém  
entende o que se está contando  
e a quem...

Mas terra e sol, lua e estrelas

giram de tal maneira bem  
que a alma desanima de queixas.

Amém.

O que o poema reclama é da contradição entre a organicidade do Universo, em profusão de desperdício, e a não-consciência humana dessa organicidade: fugimos da harmonia proposta pelo movimento de dependência entre “terra e sol”, “lua e estrelas”, que vão girando, elipticamente, equiparando-se, anulando-se, mas dando sentido uns aos outros, nas distâncias que tomam entre si.

Ao assumir uma distância, para com a terra, o sol somente “é” quando, à distância, “deixa” que a terra “seja” a terra, numa harmonia das esferas perfeita, em que o movimento gravitacional estabelece as relações. No poema de Cecília, a observação desse movimento serviria para a alma humana “desanimada de queixas” de lição.

O embate entre o relacionamento entre os “homens”, “os deuses” e os “santos” da penúltima estrofe seria, nessa dimensão, “quadrado”, aborrecido, desentendido se comparado ao relacionamento perfeito entre os planetas. Tal relacionamento, dado pelo “giro”, é “redondo”. Assim, teríamos o problema da Quadratura do Círculo, a incongruência entre a lógica quadrática e desentendida nas “falas” e a natureza em perfeita harmonia e equivalência. Na realidade recriada pelo poema, homens e deuses brigam, a natureza não-humana representada pelos planetas, não. Logo, deveriam os homens aprenderem com a natureza não humana.

## **II. A Profusão do Mundo: A técnica moderna como quadratura**

A tentativa de controle do que é circular desembocou no que conhecemos como sendo as trajetórias de dois Ocidentes. Um, ao meu ver, é o “Ocidente do Círculo”, em que a poesia e o mito são dobra de uma mesma instância da realidade. E outro é o “Ocidente que Quadra o Círculo”, no qual a “Retórica”, a “Sofística”, a “Gramática” e até mesmo muito da “Filosofia” fazem a constante e repetitiva afirmação da diferença, valendo-se da duplicação dicotomizada de um esquema de círculos (medidos e “quadratzados”) e quadrados.



O que quero propor é radical: o Quadrado é uma ilusão! Não há. Foi construído, mas não se sustenta. A *physis*, ou Natureza, com raríssimas exceções, preferiria o reto. Antes, todo o tempo propõe e faz nascer o redondo, o circular, o curvo, o espiralar e o oval como lições para a alma humana (que também, a despeito do homem, assumiria sempre essas “formas ensinadas”).

Os poetas *conhecem* a Natureza, ou seja, participam de sua obra, pois sabem que são também natureza. Participam da vigência da *physis*. Por isso, toda a vigência de sua poética está em retornar, circularmente, à natureza, à *physis* que os criou. Em “A onda”, Manuel Bandeira mostra parte de seu convívio com o círculo:

A ONDA

a onda anda

aonde anda

a onda?

a onda ainda

ainda onda

ainda anda

aonde?

aonde?

a onda a onda.

(BANDEIRA, M. 1970: 286)

A atenção, no poema de Bandeira, aos recursos sonoros não somente nos leva à presença imagética, sensorial e penetrante da “onda” como nos sugere o círculo do som, e o som como questão sempre circular. Não se sabe aqui “onde” *fica* esta onda, pois a “onda” que o poeta procura “anda” e anda “aonde”, isto é, se direciona, requerendo para si mesma constante movimentação. Tal movimentação se dá no tempo (“ainda”) e no espaço (“aonde”) cujos endereço e hora não podem ser encontrados nem medidos, pois é dom da onda *andar*. Está claro para nós que o poeta percebe isso, pois se põe somente disposto à experiência de escuta da onda. Percebe-se a onda tanto no seu som quanto no seu Círculo – o poema é começado por “a onda”



e terminado (terminado?) por “a onda”. Há também nessa revigorada circularidade de onda, a repetição constante dos curvos “oo” e dos “aa”, alternados por toda a peça de Manuel Bandeira. Estamos diante da escuta do giro natural, que não se pode medir nem calcular. Sobre o giro, Bandeira recomenda uma questão: aonde?

Em “A questão da técnica”, Heidegger coloca que “a técnica não é igual à essência da técnica”. Tal reflexão nos guiará na caminhada deste pensamento que privilegia o Círculo em detrimento do Quadrado porque devemos nos perguntar o que é a *técnica* tão perquerida pelo homem de transformar o Círculo – para nós sinônimo de inefável e infinitamente proposto – em Quadrado.

Heidegger diz neste ensaio que a corrente concepção de técnica a considera *um meio e uma atividade humana, a determinação instrumental, pois a ela pertence a produção e o uso de ferramentas, aparelhos e máquinas, bem como pertencem estes produtos e utensílios em si mesmos e as necessidades a que eles servem.* (HEIDEGGER, M: 2002: 12).

Tal concepção, para o Autor, chega inclusive a tocar a técnica moderna, cujo cerne ainda atende à noção de instrumento, de a técnica ser um meio para um fim. E é dessa noção que, para o pensador alemão, cresce a necessidade cada vez mais urgente de dominá-la. A técnica como meio. A técnica visa um fim. Para o grego, o meio era o compasso, a régua, o esquadro. Mas para o Círculo *houve* um fim?

Questionando se a noção de técnica está *correta* como sendo “um meio para um fim”, o autor de “Ser e Tempo” admite que a concepção instrumental da técnica tem tentado colocar o homem num relacionamento direito com a técnica, dando-lhe energia para manusear os instrumentos como um meio. Chega, portanto, o pensador a se perguntar o que seja o instrumental em si mesmo, a que pertence os domínios do meio e do fim, já que o meio induz a um fim, e a *causa* a uma *conseqüência*. Põe-se então, como factual a relação entre a instrumentalidade que se diz ter a técnica e a *causalidade* que a filosofia vem nos ensinando, desde Aristóteles como quatro causas divididas em:

- Causa Material
- Causa Formal
- Causa Final

- Causa Eficiente

Nas quais, impera e mora a nossa visão das coisas.

Para Heidegger, a determinação da eficiência das coisas segundo as quatro causas, mesmo que ensinada há séculos, permanece obscura. É preciso questioná-la. E, no texto, se questiona por que sobre a chamada Causa Eficiente cai toda a responsabilidade da causalidade a ponto de a Causa Final ter sido esquecida na história do Ocidente que Quadra o Círculo. A prevalência da Eficiência sobre a Finalidade denota, demonstra que a técnica moderna, em sua instrumentalidade, decide que a eficácia de algo seja o critério para a presença desse algo, de um *isto* qualquer. Há, porém, um fosso abismal entre a noção aristotélica de causalidade e a dicção da posteridade sobre o assunto. Os gregos viram na causa, *aition*, um modo de responder e dever. Uma participação. Para explicar essa vigência da causalidade, Heidegger expõe agora um esclarecimento dessa questão. Diz que no cálice de prata reside a prata que o determina, responde por ele. Ao passo que o cálice deve à prata sua constituição. Como utensílio sacrificial, o cálice não deve somente à prata, mas também ao perfil, *eidós*, que por sua vez responde ao utensílio de sacrifício (HEIDEGGER, M. 2002: 14). A responsabilidade pelo utensílio do sacrifício reside num terceiro modo que Heidegger define como sendo o que determina, de maneira prévia e antecipada, a alocação do cálice na esfera do sagrado. Tal ato finaliza o utensílio, mas não se configura como seu *fim*, antes dá-lhe chance de ser após terminado como pronto. É neste momento que o cálice alcança seu *telos*, isto é, sua plenitude como resposta, na matéria e no perfil responde ao utensílio sacrificial. (HEIDEGGER, M. 2002:14).

O quarto modo conferido pelo Autor é a integração do utensílio pronto: o ourives. O ourives reflete e recolhe os três modos mencionados de responder e dever. Ao refletir o ourives, os três modos anteriores de responder se dão, fazendo aparecer o modo e o fato de produção do cálice sacrificial. O ourives preserva o cálice em seu pensamento, em sua reflexão, dele parte a integração dos três modos de dever e responder que Heidegger nos apresenta. (HEIDEGGER, M. 2002:15) . Assim, o filósofo alemão se pergunta ainda o que faz as quatro causas se integrarem coerentemente nos modos de responder e dever. Para que o caminho dessa questão continue aberto, o pensador propõe que as quatro causas se entendam, se pensem de maneira grega.



O primeiro passo para o caminho desse pensamento é livrar-nos do sentido comum de *responsabilidade* que estamos acostumados a ter. O Autor nos lembra que o dever e o responder por algo se responsabilizam pelo *dar-se e propor-se* de algo, neste caso, o cálice. Volta ao étimo grego e encontra nele a raiz de um *dar-se e propor-se* como incrustada na vigência de algo que está em vigor. Os quatro modos de responder e dever levam alguma coisa a aparecer.

Deixam viger, como canta o samba da Mocidade Independente de Padre Miguel em 1983: “Deixe nossa mata sempre verde/ deixe nosso índio ter seu chão”<sup>3</sup>. O deixar-viger como dever e responder, *aitia* grega, evoca a verdadeira essência grega da causalidade, que se distancia cada vez mais da nossa noção atual de “deixar-viger” residente e residida pela noção de ocasião, oportunidade tão caras num mundo dito sem espaço. Mas não é disso que estamos falando: Heidegger diz que deixar-viger tem irmandade com o que seja deixar chegar à vigência o que ainda não vige, deixar aparecer. Quando o sambista rogava em 1983 pelo verde da mata e pelo chão do índio, rogava como que participando do jogo da *pro-dução* da realidade, de uma *poiésis* (HEIDEGGER, M. 2002: 16) do chão do índio e do verde da mata. Deixá-las viger corresponde a participar com elas de uma soma à *physis*, des-cobrir uma luminosidade verde nas folhas ainda não nascidas e prometidas e uma temporalidade no chão ainda não pisado. E não só isso, tal deixar-viger corresponde à *physis*, que, segundo Heidegger é “até a máxima *poiésis*” (2002: 16).

A *physis* é o domínio de um surgimento, de uma *pro-dução*, de um elevar-se por si mesma, de um eclodir que não pode ser completamente entendido por ninguém que ouse usar, para entendê-la, a instrumentalidade, a medida e o controle. Antes seu entendimento se dá no caminho do questionar o surgimento do que aparece e se esconde, foge e mostra-se. Por isso, a angústia de Bandeira: “aonde? aonde?” anda a onda? A onda, como vigência da *physis*, é *poiésis*, produção que o poeta observa, e faz *re-nascer* em si mesmo para só então produzi-la no poema, como Círculo, como volta sobre si mesma e fuga de uma rota óbvia.

A *poiésis*, diz Heidegger, conduz do encobrimento para o desencobrimento. Visita o oculto porque é impossível saber tudo o que ocorre dentro de uma onda. Tal impossibilidade inaugurou há muito o *mythos* e no *mythos* não reside a medida, muito

<sup>3</sup> O título do samba de 1983 é “Como era verde o meu Xingu”.

menos no Círculo, pois a irracionalidade de  $\pi$  instaura na vigência do Círculo um mundo de possibilidades numéricas. A impossibilidade da medida da transcendentalidade de um Círculo é o que justamente lhe dá possibilidade de infinita criação numérica. Seu arco é uma completa entrega ao número seguinte que não se sabe qual será, suas voltas intermináveis escondem o que seja início e o que seja fim, pois o que se pensa ser início logo em seguida pode ser fim e, por ser fim e início, entendemos que seja *pro-dução* infinita de termos. Ao tentar quadrar o Círculo, o homem procurou reduzi-lo a quatro lados. Quatro causas? Ao rejeitar o *mythos*, o Ocidente que Quadra o Círculo, elegeu a razão como única-versão de nossa existência na terra e reduzimos tudo a aparências e muita vigência poética foi esquecida.

Por que quereríamos tanto quadrar o Círculo? O que isso revela? Como não sabemos – ou não queremos – lidar com o Círculo, instrumentalizar o seu acesso tornando-o quadrado significa nos permitir à facilidade do entendimento. Ledo engano que fundamenta toda nossa crença nos quatro lados das quatro causas como sendo únicas-versões das coisas. Este é o traço fundamental da técnica, como coloca Heidegger: a instrumentalidade. Tornar o inefável o menos próximo possível de  $\pi$ , pois calar a dinâmica de encobrimento e desencobrimento que esse número misterioso provoca é um meio para se chegar a um eficiente resultado. Em  $\pi$  está oculto o mistério do incoercível. No *mythos*, faz sentido a integração com o não-óbvio. Pois quanto mistério há em dizer que Zeus se tornou em touro branco ou cisne para seduzir as mais diversas ninfas?

“A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento”. A técnica desencobre as possibilidades de a prata ser cálice ou moeda. É ela a responsável por integrar o homem à sua vontade. Nela, descobrimos a *verdade*, que os gregos traduziram por *aletheia*, isto é, *des-ocultação*, *des-esquecimento*, memória, *des-encobrimento*. Técnica e verdade não têm sido palavras muito aproximadas ultimamente, principalmente quando pensamos nos “avanços” da técnicas modernas. Sempre me pergunto se há algum avanço em sair todos os meses um celular novo com mais e mais botões e funções, ao passo que os ditos “obsoletos” vão todos para a Baía de Guanabara. Muitas vezes, num celular antigo reside a mesma “finalidade”, utilidade que nos novos: permitir que duas pessoas à distância se comuniquem. Porém, tudo fica muito velho muito rapidamente, de sorte que não temos mais lembrança do último aparelho comprado. Importa-nos carregar menos

peso, facilitar a vida, atender às exigências do mercado, carregar dados, músicas, tirar fotos, acumular dados, dados e mais dados.

A técnica é um desencobrimento. Esta é sua essência. Não há desencobrimento ou deixar-viger algum em crescer às nossas vidas mais e mais aparelhos celulares que vão virar “lixo” muito em breve. Do que estamos falando então? Heidegger coloca que a palavra responsável por técnica vem do grego *techné*, cujo sentido reside não somente na noção de *habilidade manual, artesanal*, mas também no fazer da *grande arte* e das *belas artes*. Para haver técnica, é necessário haver *poiésis*, isto é, *pro-dução*. Quando trocamos de celular todos os meses não estamos *pro-duzindo* nada a não ser acúmulo de detrito, ou seja, passamos a atribuir inutilidade ao que antes parecia tão indispensável. Não há *pro-dução* nisso, mas *re-produção*, pois nosso procedimento mais comum é observar nos aparelhos somente seu caráter de *eficiência*.

Nossa reflexão retorna ao círculo que Cecília Meireles desenha na segunda estrofe de “Amém”, ao dizer: “A profusão do mundo, imensa/ tem tudo, tudo e nada tem”.

Para *profusão*, o Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa Houaiss coloca, dentre outras acepções, a palavra “prodigalidade”, isto é, fartura, abundância, grande quantidade de algo. O Círculo desenhado no poema pela disposição nas frases dos termos “tudo” e “nada” nos coloca mais uma vez diante da questão da técnica. Aqui, o caminho se bifurca. Por uma das vias da bifurcação, caminham os que creem na profusão infinita de um mundo em que tudo pode ser transformado em instrumento, e os limites da *reprodução* desses *instrumentos* parecem infinitos. Neste caminho, impera o descartável e a instrumentalidade. Pela outra via, caminham os que se perguntam, com cinismo: “Onde repousar a cabeça? No além?”. São aqueles que veem a técnica como questão cujo toque é um toque no âmbito da *poiésis*, da produção. Rejeitam a infinitude da vida, pois sabem que o céu que alguns criaram para “repousar a cabeça” não existe como o único responsável por nós. Os que participam da poética, caminham num caminho em que veem círculos. Os da primeira via, calculam tudo para que tudo se transforme em o que queiram transformar.

Não se trata de maniqueísmo tal reflexão, mas de pensar se o silenciamento do Círculo treinado pelo Ocidente que Quadra o Círculo é um caminho *válido* de

pensamento.

“A técnica é uma forma de *aletheiuien*”, diz Heidegger (2002: 17), pois a técnica deixa viger o que não pode viger por si mesmo, o que não se produz a si mesmo e ainda não se dá ou propõe. Com a técnica, ocorre a criação e visita ao que ainda não se mostrou desde o oculto. Com a técnica, Bandeira nos permitiu ver o que a onda “ocultava”: seu dom circular de ir e vir sem se sabermos “aonde”. Isso porque a técnica *pro-duz*. A verdadeira técnica não cai no perigo da *re-produção*, pois como descobrir o que já se sabe o que será? Que vantagem há em serem feitos milhares de celulares igualmente dispostos ao uso e ao desuso de uma hora para a outra. Todos iguais e repetitivos. A técnica descobre novos caminhos. Na verdade, caminhos que estavam escondidos antes e, por serem desvelados, acabam por re-velar outros, isto é, pondo um novo véu nos caminhos ainda não descobertos.

### III. Tentativa de Conclusão

Heidegger tinha achado na linguagem a morada do ser e dado aos poetas a incumbência de ser-lhe vigias. A função da poesia aqui é denunciar o esgotamento da linguagem, chamando para a reconciliação entre o dizer, o pensar, o habitar e o construir, na esteira de Parmênides: “Necessário é o dizer e pensar que (o) ente é”<sup>4</sup>. Neste sentido, a função da *pro-dução* poética seria tentar desfazer o gasto excessivo de palavras, de vidas, da natureza esgotada em símbolos. O papel da poesia seria instaurar uma *re-volução* na linguagem, tirando-a do âmbito técnico e formal de dizer sempre a mesma coisa, sempre a mesma repetição para restaurar-lhe o vigor próprio conciliando-a ao pensamento.

Pelo conceito matemático, *re-volução*<sup>5</sup> significa a volta de um corpo sobre si

---

<sup>4</sup> Tradução de José Cavalcante de Sousa, há porém uma gama de interpretações deste polêmico trecho do Poema de Parmênides. Mais recentemente, o laboratório Ousia, entidade de pesquisa da UFRJ, publicou tradução que diz: “Precisa que o dizer e o pensar e o que é seja; pois há ser”, advogando o seguinte sentido: “Buscamos a que apresentasse a forma quase assindética da sucessão de verbos de modo mais simples e direto, no sentido integrante de ‘dizer o que pensa e o que é’ como a ponte de verdade, que vai do ente e do pensamento até a fala.” (OUSIA: 2006: 31). Para nós, no entanto, subsiste a relação entre dizer, pensar e ser, tão perquerida no pensamento de Heidegger.

<sup>5</sup> O que Martin Heidegger confere em “Introdução à Metafísica” é que para que se chegue a uma nova postura na relação com a linguagem é necessária uma *revolução real*. À guisa do próprio filósofo e para seguir nossa linha de raciocínio aparentado com alguns princípios matemáticos, resolvemos fazer uma espécie de diferente escuta do sentido de ‘revolução’. Portanto, a revolução proposta não só atende à noção habitual de *mudança dada por uma ruptura*, como também aponta para a *volta*. Os vetores de transformação, então, são múltiplos e nos aproximam da busca por uma relação menos

mesmo, e esta volta é sempre edificante, poética. Imagine-se uma dada linha curva que, voltando-se sobre si mesma, muito rapidamente, mostra o que não se adivinhava: um cone, por exemplo. De um plano, tiramos um sólido, isto pelo exercício da revolução, da volta, da busca giratória da essência do que não se via. Se por um lado, o que se vê é uma linha, por outro, assumindo-se o risco do giro, mesmo que o giro promova uma tonteira, assume-se a volta a uma vigência, para além da aparência.

Ora, como o giro “de tal maneira bem” cantado pelo Poema nos instrui neste problema? Estamos devotados à incongruência. O mundo, insatisfeito, tem desperdiçado o ser que, na simulação requerida pelo dualismo, perigosamente estabelece relações de controle da natureza e dos outros seres humanos, separa a natureza do homem e cai, por fim no desentendimento total.

A profusão em que tudo vai se equivalendo a nada é bem mostrada por Heidegger, em “Introdução à metafísica”, como sendo a impossibilidade, dada pela missão humana, de deixar-ser o mundo, como uma violência à vigência especial de cada coisa. Nada vige quando tudo que há deixa de ser e deixando de ser não permite que as outras coisas sejam também. Quando se dá esse esgotamento, as coisas vão perdendo seu rumo, se dissociando uma das outras, sem assumir, saborear o seu bocado na conjuntura da *physis* – ou pelo menos sem ter consciência da *physis*. Isso ocorre quando o combate, que projeta e desenvolve a doação do vazio, a doação do *in-audito*, deixa de se dar; em outras palavras, quando (há profusão) o que poderia ter se manifestado não se manifesta:

o mundo se retrai. O ente já não se afirma (i.é. não se conserva, como tal). Aí o ente é apenas o achado. (...) É o objetivamente dado, onde já não se instaura nenhum mundo. (...) O ente se converte em objeto, seja para a contemplação (aspecto e imagem) seja para a ação produtiva, como produto e cálculo. O que instaura mundo originariamente, a *physis*, decai e degrada-se em modelo de imitação e cópia. A natureza se transforma em esfera especial, distinta da arte e de tudo o que se pode produzir e planificar. (HEIDEGGER, M. 1987:90)

Nas poucas linhas acima, tivemos a descrição da caótica profusão, imensa, em que o ser foi retirado do ente, a essência se perdendo. Ser que aqui já nós chamamos por linguagem ou condição humana, tão distantes da *con-fusão* reinventada pela arte:

a con-fusão que é ciente das alocações, dos lugares; que não põe a natureza sob uma redoma; que se entende como uma forma espontânea e salvífica de manter-se o homem na vida e com ele, *con-fusamente*, manter tudo o que há; que não se vale de uma posição empafiosa e soberba ante o fenômeno de aparição dos entes no estar-aí, mas que é, estando-aí.

Como promover a *con-fusão* sem estancar a profusão? Uma *con-fusão* se faz precisa, isto é, é preciso que se reorganize, ecologicamente, o espaço, os distanciamentos, as lugares dos entes, que os entes entendam o que *são* e o que podem *dizer* uns aos outros, resgatando a sua essência e entendendo que a sua essência é um distanciamento dependente – e movente – dos outros entes. Ao que nos parece, Cecília, Drummond e Bandeira nos recomendam a *re-volução* dos corpos, assim como terra, sol, lua e estrelas têm girado, para na didática do giro, na volta sobre nós mesmos, sobre o nosso pensamento e sobre a natureza, que somos nós, cheguemos à transformação do Quadrado em Círculo e não do Círculo em Quadrado.

O dualismo recomendou e provou, respaldado pela matemática, a impossibilidade dessa equivalência. Mas a *poiésis*, em sua essência, abre os caminhos para a *transformação*, a recriação desse problema em arte. Talvez seja apenas pelo pensamento, transformado em ação e pela linguagem transformada em arte que cheguemos à curvar, amaneirar, arredondar relações “retas”, opressoras, sem possibilidade de diversificação entre os entes.

É no Quadrado que moram as hierarquias, as divisões de trabalho, as desigualdades sociais, a opressão da natureza, enfim, o desentendimento harmônico de que tanto estamos falando. Mas é no Círculo e em tudo que ele propõe que habita todo o nosso potencial de harmonização de problemas humanos, e o Círculo não segue a racionalidade cartesiana, antes habita as regiões do irracional, do infinito, que tanto perturbou os pitagóricos. Nele há um ideal de perfeição pensada, nele há uma *re-volução* preparada pelos poetas para a linguagem.

Como não aprender com a circularidade da natureza? “Terra, sol, lua e estrelas giram de tal maneira bem”. Como separar o homem do que é ele mesmo: a natureza, em “dispersão imensa”? Questionando o esgotamento da linguagem acharemos a pátria perdida da humanidade mecanizada e alheia do mundo? Como *re-unir* o homem a tudo?



Roguemos pois aos poetas, vigias de Babel, homens como nós, mas mais entendidos sobre o dizer, que instaurem de novo uma *con-fusão*, uma fusão quente e vitalizante de tudo a tudo, que não se separem mais, nunca mais círculos e quadrados, curvas e retas, retângulos e losangos, números e letras, homens e mulheres, animais e deuses, para que a nossa alma desanime de queixas. “Amém!”

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ANDRADE, Carlos Drummond de. “O homem, as viagens”. In: ---. **As impurezas do Branco**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. (trad. de Roberto Raposo). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

BANDEIRA, Manuel. “A onda”. In: ----. Ponteios. In: ----. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed. 1970, pg. 286

CASTRO, Manuel Antônio de (org.). **Arte: corpo, mundo e terra**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.

HEIDEGGER, Martin. “A questão da técnica”. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio e conferências**. (trad. Emmanuel C. Leão; Gilvan Fogel; Marcia S. C. Schuback) Petrópolis: Vozes, 2002.

----- . “A superação da metafísica.”. In: ----- . **Ensaio e conferências**. (trad. Emmanuel C. Leão; Gilvan Fogel; Marcia S. C. Schuback) Petrópolis: Vozes, 2002.

----- . “Construir, habitar, pensar”. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio e conferências**. (trad. Emmanuel C. Leão; Gilvan Fogel; Marcia S. C. Schuback) Petrópolis: Vozes, 2002. p.125-14)

\_\_\_\_\_. **Introdução à Metafísica**. (trad. Emmanuel Carneiro Leão) Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

----- . **Os conceitos fundamentais da metafísica: Mundo, finitude, solidão**. (Trad. Marcos Antônio Casanova) Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2004.

MEIRELES, Cecília. “Amém” in: ----. “Vaga Música”. In: :\_\_\_\_\_. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 432

**REVISTA ISTOÉ**. 14 de fevereiro de 2007 São Paulo: Editora Três.